

Entrevista com o Prof. Dr. Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, para o v.1, n.2, da Revista Afluente, da UFMA/Campus III¹



Carlos Reis é professor catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra, onde leciona nas áreas de Literatura Portuguesa, Teoria da Literatura, Estudos Queirosianos e Estudos Narrativos. Desde 2012 é coordenador do Centro de Literatura Portuguesa (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), no qual dirige o projeto “Figuras da Ficção”.

Tem experiência docente em diversas instituições estrangeiras, tais como a Universidade de Salamanca, a Universidade de Wisconsin-Madison, a Universidade de Santiago de Compostela, a Universidade de Massachusetts-Dartmouth, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dirige a edição crítica das obras de Eça de Queirós e a História Crítica da Literatura Portuguesa.

Publicou dezenas de livros, em Portugal e no estrangeiro (Espanha, Alemanha, França e Brasil). Foi diretor da Biblioteca Nacional, Reitor da Universidade Aberta, presidente da Associação Internacional de Lusitanistas e da *European Association of Distance Teaching Universities*.

Afluente: Professor Carlos Reis, comente a respeito de suas pesquisas atuais e como elas contribuem para a difusão da Língua Portuguesa e suas literaturas no mundo.

Carlos Reis: As minhas pesquisas atuais distribuem-se por dois projetos de investigação em desenvolvimento, que coordeno e em que conto com a colaboração de vários investigadores

¹ Nas respostas do Professor Catedrático Carlos Reis, foi mantida a grafia vigente no português europeu atual.

do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. Um deles intitula-se “Figuras da Ficção” e está centrado na personagem, nos seus fundamentos teóricos, no seu trajeto histórico-literário e na sua diversificação nas literaturas de língua portuguesa; tendo já atingido a construção de um website em fase de lançamento (em <http://dp.uc.pt/>), esse projeto procede a uma vasta indagação que, por assim dizer, valoriza uma grande categoria literária na sua disseminação por literaturas que se expressam num idioma comum. O segundo projeto é a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós (ver <https://queirosiana.wordpress.com/edicao-critica/>). Trata-se, neste caso, de facultar, aos estudiosos de Eça e às editoras que o publicam, um texto que seja o mais confiável possível; a par disso, procede-se à análise das circunstâncias de escrita e de publicação das obras queirosianas. Até agora foram editados 16 volumes; o próximo, já entregue à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, será *Os Maias*.

Afluente: O senhor visitou o Brasil muitas vezes, como poderia avaliar a recepção brasileira de autores portugueses tanto pelo grande público quanto pela academia?

Carlos Reis: Duma forma um tanto esquemática, pode dizer-se que a recepção brasileira de autores portugueses tem oscilado em torno de três escritores do cânone: Eça de Queirós, Fernando Pessoa e José Saramago. São estes que, em épocas e em esferas de intervenção diferentes (academia, crítica, grande público), têm conhecido maior projeção e dado origem a estudos de grande valia. Por exemplo: no Brasil, Fernando Pessoa foi estudado, no plano académico, talvez antes de isso ter acontecido em Portugal. E na passagem do século XIX para o século XX, Eça chegou a ser um escritor mais popular do que Machado de Assis.

Afluente: No primeiro semestre deste ano, o Ministério da Educação do Brasil (MEC) divulgou ao público a possibilidade de retirar a obrigatoriedade do estudo da literatura portuguesa na nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Na opinião do senhor, de que forma o ensino de literatura no Brasil será afetado?

Carlos Reis: Tanto quanto sei, tratou-se, sobretudo, de dar orientações curriculares que não tratavam exatamente de excluir, mas sim de incluir: literaturas africanas de língua portuguesa, literatura afro-brasileira, etc. Mas tanto quanto sei também, essas orientações ainda não estão estabilizadas e não sei mesmo se virão a ter efetividade plena.

Afluyente: Os alunos do Ensino Básico, em geral, não leem, especialmente, textos dos séculos passados, uma vez que consideram impossível a compreensão devido à linguagem distante da deles. Quais orientações o senhor poderia passar aos professores de literatura no Brasil para atrair o aluno aos clássicos de língua portuguesa?

Carlos Reis: Não é tarefa fácil, mas há alguns caminhos. Por exemplo: os textos dos séculos passados não podem aparecer, na sala de aula, como casos isolados e arrancados ao seu contexto. O professor deve saber explicar ao aluno que aquele texto – de Camões, de Garrett ou de Machado de Assis – apareceu num tempo próprio, num cenário bem caracterizado, etc. Outro exemplo: é possível, sem pudores desnecessários, chegar à leitura de Eça ou de José de Alencar a partir do cinema ou da televisão. Isso não resolve todas as dificuldades nem anula o contacto com o texto, mas talvez ajude.

Afluyente: Nas escolas do Ensino Básico, no país, os projetos pedagógicos optam pela adoção de adaptações e/ou reescrituras dos clássicos portugueses e brasileiros no lugar do texto original de autores como Gil Vicente, Camões, Eça de Queirós, José de Alencar, Machado de Assis, entre tantos outros. Como o senhor analisa essa realidade da leitura nas escolas brasileiras? Acredita que para o aluno seria melhor entrar em contato com os clássicos originais desde cedo?

Carlos Reis: Essa realidade da leitura, induzida pelas escolas do Ensino Básico, pode ser bem intencionada, mas temo que venha a ser perversa. Noutros termos: será que isso se aplica a **todo** o Ensino Básico ou, sobretudo, às escolas públicas, onde encontramos alunos mais carenciados, do ponto de vista económico e sociocultural? E, se for assim, cabe perguntar: por que razão esses alunos devem ser excluídos do contacto com os chamados clássicos? Outra pergunta: será que isso também acontece em escolas frequentadas por alunos de famílias com poder económico e social? São questões que dão que pensar...

Afluyente: Professor Carlos Reis, como o texto literário contribui ao ensino de língua portuguesa?

Carlos Reis: O texto literário é, por natureza, um texto complexo e com um grande potencial de representação histórica, cultural e social. É ele, sobretudo, que ilustra, no ensino da língua, os termos e as circunstâncias em que o idioma se nos revela em todo o seu potencial comunicativo, semântico e pragmático. O que não quer dizer que, fora da esfera dos textos literários, não existam também textos complexos e muito sugestivos. A isto cabe acrescentar o seguinte: para muitos e muitos milhares de alunos, o ensino da língua é a única oportunidade

de facultar contato com a literatura e com o que ela significa, em termos de memória cultural e de testemunho de criatividade literária. Alguém se atreve a excluir esses milhares de alunos da leitura literária?

Afluentes: O senhor poderia comentar algo a respeito do ensino de língua portuguesa no mundo? Poderia afirmar que o Novo Acordo Ortográfico aproximou os falantes de língua portuguesa ou não conseguiu exercer essa função?

Carlos Reis: É cedo para analisar os efeitos da aplicação do Acordo Ortográfico, até porque ele está em fase diferente de aplicação, nos vários países de língua portuguesa. O que me parece claro é que, no respeitante a uma política de língua, ele é um instrumento apenas (e talvez não o mais importante), entre muitos outros que têm ficado esquecidos. Com exceção de ações isoladas e de tentativas casuísticas, tem faltado, desde que foi constituída a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, uma política de língua efetiva, bem articulada e compartilhada por todos os Estados da CPLP. Sendo assim, o Acordo Ortográfico está no mato sem cachorro...

Afluentes: Professor Carlos Reis, qual a sua posição em relação à “lusofonia”? Como podemos abordá-la na atualidade?

Carlos Reis: Com as dificuldades inerentes às arritmias, às disfunções e, sobretudo, à falta de estratégia comum que ficaram implícitas na minha resposta anterior. Se a lusofonia (não gosto da palavra...) é um projeto coletivo, então é preciso que coletivamente ele se afirme e avance. Isto sem prejuízo de reconhecermos que Portugal e o Brasil têm responsabilidades próprias e recursos mais abundantes do que os restantes países de língua portuguesa. O que não deve envergonhar ninguém.

Afluentes: Para finalizar, o que poderia unir ainda mais os países de língua portuguesa?

Carlos Reis: Está dito: uma estratégia de desenvolvimento económico, cultural e científico assumida por todos, mas sempre tendo em atenção as diferentes circunstâncias em que, no plano histórico e não só, se encontram aqueles países. Existe essa estratégia?